

O FIM DOS ÍNDIOS

Jaguaribe chama de ignorantes os que o atacam por propor tirar tribos do 'freezer' antropológico

ELISABETH ORSINI

Se existe alguém que concorda com os versos de "Todo dia era dia de índio", de Jorge Ben Jor, esse alguém é o ex-ministro da Ciência e Tecnologia Hélio Jaguaribe. Não foi por acaso que o cientista político defendeu em conferência no Estado-Maior do Exército a idéia de aculturar até o ano 2000 todos os 266 mil índios brasileiros e classificou de "cruel e hipócrita" a idéia de o homem ser congelado em seu "estado primário de evolução". Desde então, Jaguaribe se tornou uma espécie de saco-de-pancadas de vários segmentos da sociedade que não poupam ao militante do PSDB adjetivos como "prepotente" e "autoritário".

Os antropólogos brasileiros me criticam porque são ignorantes, não entendem nada da evolução da espécie — reafirma Jaguaribe, que continua a manter o bom humor ao comentar a polêmica.

Se gente como o secretário Nacional do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Francisco Loebens, se diz indignada com tais declarações e acusa o ex-ministro de "estimular a violência contra os povos indígenas", personalidades como o jornalista Paulo Francis fazem coro a sua opinião.

Ele está absolutamente certo. Essa idéia de se manter um paraíso ianomami no Brasil é absurda.

Sem dispensar a fina ironia sempre presente em seus textos, Francis comenta que os índios brasileiros são de "uma tristeza horrenda", lamentando que eles "não tenham a graça dos astecas ou dos peles-vermelhas".

E preciso dar chance ao índio de se adaptar à civilização dominante — pondera Francis.

Tais comentários deixariam enfurecido o antropólogo Gilberto Velho.

Esta idéia é uma distorção maliciosa do pensamento dos antropólogos. Não vou dizer que o Jaguaribe é ignorante porque não sou grosseiro mas ele defende teses evolucionistas anacrônicas cientificamente insustentáveis — diz Velho, para quem a riqueza cultural da complexa sociedade brasileira reside principalmente na possibilidade de convívio das diferenças.

Tais comentários provavelmente seriam bem recebidos pelo Secretário Executivo do Núcleo de Direitos Indígenas, de Brasília, Márcio Santilli.

Também acho impossível que índios vivam em redomas mas também acho hipocrisia alguém se valer dessa obviedade em função de uma articulação política contrária aos direitos do índios — diz Santilli.

O sociólogo Leandro Konder e o antropólogo Darcy Ribeiro concordam. O primeiro classifica de "infelizes" as declarações de Jaguaribe.

Elas soam como uma versão atenuada, mas não menos terrível, do pensamento do general Custer que era quem massacrava os índios norte-americanos nos filmes de faroeste e infelizmente também na história daquele país — compara Konder.

Já Darcy, que viveu dez anos entre os índios, diz que eles, apesar de aculturados, "guardam a consciência de que são índios, tal como ocorre com os judeus e os ciganos".

Logo agora, quando eles equilibram sua população e começam a crescer, discretamente surgem os Jaguaribes pregando seu extermínio — diz Darcy.

De Indiana, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto da Matta compara a declaração de Jaguaribe à afirmação de que até o ano 2000 todos os brasileiros estarão falando inglês e que serão donos de uma mentalidade baseada no capitalismo como a americana.

Isso significa que abandonaríamos a língua portuguesa, leríamos os poemas ingleses em vez de Drummond, acabaríamos com a praia, o Carnaval, a sacanagem e a ironia brasileira que nos salvam. Ora, a verdade é que o Brasil está muito mais adestrado para enfrentar esse mundo globalizante pela nossa flexibilidade, a mesma flexibilidade que o amigo Jaguaribe está revelando com a sua rigidez — afirma o antropólogo.

Essa idéia de um paraíso ianomami é totalmente absurda

Paulo Francis

É preciso firmar uma nova aliança entre o índio e o homem branco

Marcos Terena



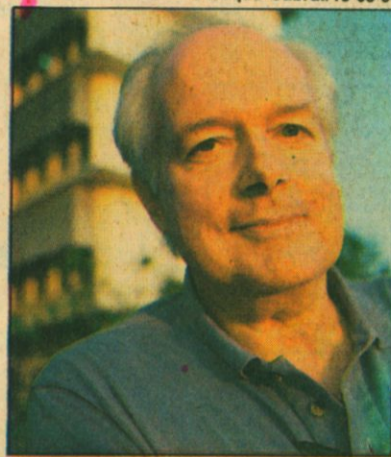
Essa idéia é uma distorção maliciosa do pensamento dos antropólogos. Hélio Jaguaribe defende teses evolucionistas anacrônicas

Gilberto Velho

Acho impossível que índios vivam em redomas mas também acho hipocrisia se valer dessa obviedade para contrariar seus direitos

Márcio Santilli

Monique Cabral/15-08-94



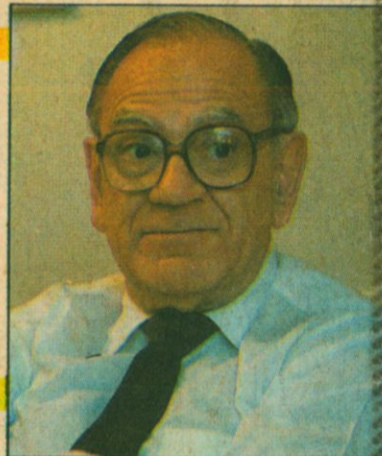
Jaguaribe soa como uma versão atenuada do general Custer

Leandro Konder

Os antropólogos nada entendem de evolução das espécies

Hélio Jaguaribe

Marcelo Carnaval/27-06-94



Cidadania sem intervenção

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

O Estado, ao invés de simplesmente intervir, deve colaborar no processo de desenvolvimento dos povos indígenas, mantendo-se fiel ao princípio do pluralismo cultural e à defesa da diversidade cultural e ao respeito às identidades étnicas dos diferentes grupos indígenas. As comunidades indígenas precisam ser promovidas e, ao mesmo tempo, defendidas. Os povos indígenas precisam ter respeitadas a sua organização social e política. E, até para a manutenção de seus bens naturais e culturais, é de maior importância que eles participem dos fóruns destinados a resolver as questões que afetam seu modo de vida. Em meu governo a identidade cultural dos índios será respeitada, inclusive com a garantia de demarcação das suas terras e da expulsão dos seus invasores, como manda a Constituição. Da mesma forma, o meu governo estará pronto para agir com rigor para coibir e/ou punir quaisquer atos de violência contra as populações indígenas, de forma a garantir seus direitos e sua integridade física.

Fernando Henrique Cardoso é candidato à presidência pela coligação União, Trabalho e Progresso

Tucanos contra tribos ticunas

LUIS INÁCIO LULA DA SILVA

As declarações do ex-ministro Hélio Jaguaribe prenunciam uma estranha e estúpida guerra de fim de século. E o tucano contra o ticuna. O tucano carrega as armas da milícia formal, o dinheiro das multinacionais e a fúria dos exterminadores étnicos. Jaguaribe, que serviu-se durante anos à produção seletiva de equivocadas previsões conjunturais, mobiliza-se agora para a faxina social preparada por seu grupo político. Os ticunas são o símbolo dessa luta desigual. São 22 mil cidadãos que vivem na pobreza, especialmente na região do Alto Solimões. Em 1987, 14 deles foram mortos e 35 ficaram feridos em um massacre na aldeia do Capacete, no Amazonas. Os ticunas compreendem a natureza. Já os tucanos vivem engaiolados em apartamentos luxuosos. Vivem de gordas contribuições de grandes empresas. Não acreditam na livre determinação dos povos, na preservação das culturas e no desenvolvimento particularizado das nações indígenas. Nessa luta, nossa estrela fica com os Ticunas. Graças a Deus.

Luis Inácio Lula da Silva é candidato à presidência pela Frente Brasil Popular

Terena responde a Jô Soares

A questão indígena não é privilégio de discussão exclusiva de antropólogos. A classe artística também faz questão de opinar. O ator Leonardo Brício, por exemplo, que fez o índio Peri, na minissérie "O Guarani", da TV Manchete, acha que a aculturação dos índios "é um mal inevitável porque a civilização nunca vai esquecer que eles existem". Já Monique Evans, que encarnou uma índia na mesma minissérie pede ao governo que "deixem os índios em paz".

Para fazer o papel convivi alguns meses com uma tribo perto de São Paulo e vi que eles já estão confundindo completamente a cultura deles com a nossa. Os índios sempre reclamavam da Funai, dizendo que o pessoal de lá se diz muito bonzinho mas está mesmo a fim de se dar bem — conta Monique.

O ator Stênio Garcia, que interpretou um pajé no filme "Brincando nos campos do senhor", de Hector Babenco, acha que "se esse processo é inevitável que seja feito a partir dos índios mais novos mas tentando conservar a cultura deles". E o apresentador Jô Soares — que ao entrevistar o sertanista Orlando Villas-Boas em seu progra-

ma, disse concordar com as idéias de Jaguaribe — perguntou:

— Será que não existe um meio de o índio usufruir das benesses da dita civilização sem poluir a sua cultura?

Para responder esta pergunta nada melhor do que um índio em carne e osso. Marcos Terena, 38 anos, da tribo dos Terenas, no Pantanal Matogrossense, conviveu com os cerca de 18 mil índios de sua tribo antes de estudar administração de empresas e se tornar piloto dos aviões da Funai. Ele, que atualmente articula os direitos indígenas junto à ONU, tem uma opinião simples sobre o problema indígena.

Ocorre que a filosofia indígena, a língua e os códigos de vida, perduram em nosso ser mesmo com a indumentária do homem branco porque vamos caminhar em direção ao futuro, sim, mas nos rastros de nossos antepassados. E preciso criar uma nova aliança entre o índio e o homem branco. Nós caminhamos nesse sentido. Sem rancor do passado de massacres mas com todos aqueles que sonham a paz e um mundo melhor.